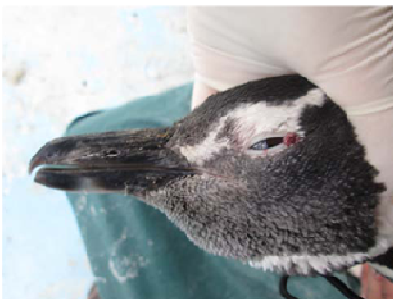




A bouba ou pox vírus aviário é uma doença comum em aves de produção, pombas e canários. Já foi relatada em mais de 60 espécies dentre 20 famílias de aves e apresenta distribuição mundial. É uma doença de desenvolvimento lento podendo deixar a ave portadora sem o aparecimento de quadro clínico, servindo como reservatório e disseminando a doença entre as populações locais. Existem diferentes cepas de pox aviário, algumas são espécie-específicas e outras são capazes de infectar diferentes espécies aviárias.

A transmissão da doença ocorre tanto por picada de mosquito que tenha ingerido sangue de outra ave em viremia, quanto pelo contato direto com secreções de uma ave infectada. A transmissão direta pode ser um problema em animais de cativeiro e centros de reabilitação devido ao aglomeramento populacional nos recintos.

A infecção pode se apresentar de duas formas: cutânea e diftérica. A forma cutânea se dá pela presença de lesões verrucosas geralmente ulceradas em regiões aptéricas, ou seja, regiões sem a presença de penas, tais como comissura do bico, palpebras (figuras 01 e 02) e membros posteriores. Essas lesões podem ainda ser infectadas por bactérias gerando quadros secundários que podem agravar a situação do animal. A ave pode também apresentar prostração e caquexia caso as lesões dificultem a ingestão de alimentos.



Figuras 1 e 2. Lesões verrucosas em região palpebral de um pinguim de magalhães em reabilitação. Fotos: Claudia Niemeyer

A forma diftérica se apresenta com lesões necróticas umedecidas localizadas na mucosa oral, porção superior do trato gastro intestinal e sistema respiratório. Esta forma

É importante atentar para a presença dos sinais clínicos e evidenciar a presença da doença na espécie para que medidas apropriadas sejam tomadas visando impedir a disseminação da mesma, tanto entre os pinguins em reabilitação, quanto o contato com outras espécies de aves marinhas e migratórias.

Referências

- Kane et al. Avian pox in Magellanic Penguins (*Spheniscus magellanicus*). *Journal of Wildlife Disease* 48(3): 790 – 794, 2012.
- Riper III C, Forrester D. Avian Pox. Capítulo 6. In: Thomas N. Et al. *Infectious Diseases of Wild Birds*. Blackwell Publishing, pp131 – 176.

a – Laboratório de Patologia Comparada (LAPCOM). USP.
claudia.niemeyer@usp.br

ARTIGO

O artigo **EVIDENCE FOR NORTHWARD EXTENSION OF THE WINTER RANGE OF MAGELLANIC PENGUINS ALONG THE BRAZILIAN COAST** escrito pelo grupo formado no workshop da ACADEBIO/ICMBio em outubro de 2010, será publicado esse ano na revista *Marine Ornithology*.

O estudo apresenta informações que confirmam a suposição de que esta espécie ocorre mais ao norte do Brasil do que se tinha registro em publicações anteriores. Esse levantamento foi feito através da compilação de dados de pingüins de Magalhães registrados em sete centros de reabilitação de animais silvestres brasileiros de 2000 a 2010. Um total de 5.404 pinguins de Magalhães foram registrados nos sete centros durante o outono e inverno austral.

O artigo sairá no número 41.